

Guebuza e Domingos falam do entendimento final

Terminada a cerimónia da assinatura do Acordo Geral de Paz que marcou o termo de mais de dois anos de árduas negociações entre o Governo e a Renamo, procurámos abordar os chefes das delegações das duas partes, nomeadamente Armando Guebuza e Raul Domingos, buscando as suas impressões sobre o acontecimento.

Armando Guebuza afirmou a propósito deste acto que apesar de se terem enfrentado grandes dificuldades, momentos de incerteza e mesmo de frustrações no processo desta longa negociação, o certo é que com esses problemas que se manifestaram também se foi construindo uma relação que pode ser utilizada de maneira útil para as fases que vêm a seguir.

Segundo Armando Guebuza, para as fases imediatas impõe-se que tenhamos consciência de que são um outro desafio, pois, "assinar é uma coisa, concordar é uma coisa, mas implementar e realizar é outra coisa".
"Não devemos dormir à sombra do

documento assinado", disse Armando Guebuza, acrescentando que "devemos antes ser capazes de aceitar o desafio da construção do país que nós queremos em paz".

O chefe da delegação da Renamo às conversações de Roma, Raul Domingos, considerou que o momento da assinatura do Acordo Geral de Paz significa para si que se chegou ao fim de um processo que conduzirá à paz e que, tanto ele como todo o povo moçambicano, estava certamente satisfeito com o acordo alcançado.

Raul Domingos disse que daqui em diante "vamos trabalhar todos juntos para a reconciliação, para a democratização e tornar o nosso país um exemplo da democracia em África".

Para o chefe da delegação da Renamo às conversações ao longo do processo do diálogo, surgiram dificuldades motivadas pela falta de confiança e comunicação ao longo de vários anos, "mas a boa vontade de ambas as partes superou todas essas dificuldades".